

HISTÓRIA E COSMOS NA *ENEIDA* E N'OS *LUSÍADAS**

HISTORY AND COSMOS IN THE *AENEID* AND IN *Os LUSÍADAS*

MIGUEL ÂNGELO A. MANGINI

miguelangelo@usp.br

CECH – Universidade de Coimbra

Universidade de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0003-3888-940X>

Texto recebido em / Text submitted on: 29/09/2022

Texto aprovado em / Text approved on: 06/02/2023

Resumo

Neste artigo, investigamos a relação entre os conceitos de história e cosmos n'Os *Lusíadas* e na *Eneida*. Nossa metodologia é revisar parte de bibliografia pertinente e analisar comparativamente passagens dos dois poemas. Foi possível concluir que Camões, emulando Virgílio, constrói a imagem de um Portugal identificado com o cosmos.

Palavras-chave: *Eneida*, *Os Lusíadas*, História, Cosmos.

Abstract

In this article I investigate the relations between the concepts of history and cosmos in *Os Lusíadas* and in the *Aeneid*. My methodology is to review part of the bibliography relevant to the subject and to comparatively analyze passages from both poems. It was possible to conclude that Camões, by emulating Virgil, creates the image of a Portugal identified with the cosmos.

Keywords: *Aeneid*, *Os Lusíadas*, History, Cosmos.

* A feitura deste artigo contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – processo nº 2021/09398-3.

Introdução

Neste artigo, trataremos do teor histórico da *Eneida* e d’*Os Lusíadas* e da representação do cosmos nesses poemas. A *épica* de Virgílio, mesmo que ambientada no passado dos heróis homéricos e plena de mitologia, é orientada para o presente e futuro do poeta. Conforme escreve Hardie, a *Eneida* “contempla prospectivamente a história romana”¹, bem porque a lenda de Eneias ali contada constitui a narrativa sobre a origem da Roma augustana, e assim se entende o poema como epopeia de *ktisis*. Por esta razão é que Koster afirma que o plano mitológico, “para a intenção de Virgílio – representar o nascimento dos *alta moenia Romae* – ocupa um espaço importante, mas inferior”².

Os Lusíadas também é uma epopeia situada entre a mitologia e a história, embora se verifiquem algumas diferenças fundamentais. Camões recupera o aparato mitológico que não poderia faltar a uma *épica* de matriz homérico-virgiliana, no entanto a ação e os heróis do poema pertencem a um passado não muito distante, precisamente aos anos de 1497-1498, quando Vasco da Gama empreende a primeira viagem de ida e volta para a Índia com sucesso; pouco mais de setenta anos da publicação do poema, portanto. Segundo Hansen, Camões é um poeta que se “assemelha ao pregador”, cujo discurso é assentado na “história sacra iluminada pela Graça”³. Com efeito, Camões viveu em um momento em que o destaque da “história sacra” de Portugal era recente, pelo que Hansen afirma que a “sua poesia condensa [...] a experiência histórica de seu mundo”⁴.

A transformação da história em cada poema

Mesmo que não se possa saber se Virgílio leu ou não a *Poética* de Aristóteles, em que o filósofo faz a distinção entre poesia e história,⁵ é evidente que o poeta, com a sua *Eneida*, tenha optado por algo diferente de uma história metrificada. Isto o distingue, por exemplo, do posterior Lucano, ao ver de Sêrvio:

¹ Hardie 2005: 86-88.

² Koster 1970: 133.

³ Hansen 2008: 43.

⁴ Hansen 2005: 174.

⁵ Aristóteles 1451a-b.

[...] *hoc loco per transitum tangit historiam, quam per legem artis poeticae aperte non potest ponere. [...] Lucanus namque ideo in numero poetarum esse non meruit, quia uidetur historiam componuisse, non poema.*⁶

Virgílio apenas “toca a história”. O comentário refere-se a uma passagem específica, mas isto poderia ser dito do teor histórico do poema todo. Também os especialistas modernos parecem em geral ter a opinião de que o mito, no poema, interaja com a história. Poderíamos dizer, com Glover, que a epopeia de Virgílio, plena de mitologia grega e lenda romana, “ilumina a história de Roma desde a sua primeira origem, decretada pelos Fados, até à conquista da paz romana universal sob Augusto”.⁷ A maneira em que Virgílio resolveu produzir o encômio de Augusto – e o dizemos com a cautela que a crítica virgiliana pede quando se fala dos aspectos “positivos” da *Eneida* – foi cantar não a história analística ou a biografia, mas as *gesta populi Romani*⁸ [“gestas do povo romano”] com origem na lenda de Eneias.

A *Eneida* produz uma certa ideia da Roma augustana, atual para Virgílio, além de que há referências explícitas aos acontecimentos da história romana recente e do próprio nascimento do império augustano, como na profecia de Júpiter do Livro 2, na catábase do Livro 6 e na écfrase do Escudo de Eneias no Livro 8; no mesmo poema, porém, as aventuras de Eneias ocorrem pouco depois do que se narra na *Iliada* e são contemporâneas às viagens do protagonista da *Odisseia*. Os elementos homéricos se acham pujantes ali, como a ação direta dos deuses sobre os homens e a comunicação entre eles. Difícil é, portanto, situar onde exatamente está o poema entre o modelo homérico e o histórico-encomiástico. Para Conte, “a *Eneida* é [...] uma obra de denso significado histórico e político; não é, contudo, um poema histórico”.⁹ Vemos na epopeia de Virgílio, é verdade, um tributo mais a Homero do que a Ênio. Além de tudo, Eneias era, já para os romanos, o personagem da lenda fundadora de Roma, de modo que não seria incorreto, ao ver de Hardie, classificar a *Eneida* como uma

⁶ Sêrvio *ad Aen.* 1.382 (ed. Thilo). “[...] Neste lugar, [Virgílio] toca de passagem a história, que, pela lei da arte poética, não se pode inserir [na obra] abertamente. [...] De fato, portanto, Lucano não mereceu ser numerado entre os poetas, pois parece ter composto uma história, não um poema.”

⁷ Glover 1969: 83.

⁸ Sêrvio *ad* 6.752.

⁹ Conte 1994: 281.

“epopeia lendária”.¹⁰ Em contrapartida, se se considerar que o mito, no poema, cumpra o papel de *aition* e que Virgílio, afinal, cante um poema sobre Roma e a história Romana, pode-se dizer que a *Eneida* é um poema “histórico”; para Feeney, as passagens acima referidas, sobretudo aquela do Livro 8, deixam evidente o aspecto histórico do poema, e por isso seria justo considerá-lo “histórico”.¹¹ Em todos os casos, parece-nos certo que não se pode classificar a *Eneida* como epopeia mitológico-homérica em detrimento de ser histórica. Refiramos uma definição mais moderada: “a *Eneida* é tanto heroica quanto histórica”.¹²

Virgílio escolheu como fábula da *Eneida* a lenda de Eneias e selecionou das suas várias versões o que cabia no poema.¹³ Aproveitou eficazmente, portanto, a lenda fundadora que estava em voga entre os romanos nos séculos II e I a. C.:¹⁴ o herói Eneias foi pai de Ascânio (ou *Iulus*), de quem teria descendido a dita *gens Iulia*, que viria a dar Júlio César,¹⁵ e este, por sua vez, adotou Otaviano, depois proclamado “*Augustus*”. Assim é que Eneias pode se chamar “romano” e ser apresentado como o primeiro romano (*primus*, 1.1). Anquises, tendo exposto ao filho as almas da linhagem júlia, que culminaria em Augusto, reacende-lhe a motivação: *tu regere imperio populos, Romane, memento*¹⁶ (6.851). Fecha-se o “círculo” entre Eneias, Augusto e o próprio poeta.¹⁷

¹⁰ Hardie 2005: 85-90.

¹¹ Feeney 1993: 94.

¹² Horsfall 1995: 105.

¹³ Cf. Camps 1969: 75-83 sobre as versões da lenda de Eneias e como Virgílio as adaptou.

¹⁴ Conte 1994: 278.

¹⁵ Esta informação estaria baseada no passo do poema em que Júpiter, anunciando os *Fata immota* (1.257-8) [*“Fados imutáveis”*], revela que Ascânio se estabelecerá em Alba Longa: *Longam multa ui munit Albam* (1. 271) [*“com muito vigor fará muralhas em Alba longa”*]; ele e sua progênie terão reinado longo ali, *donec regina geminam partu dabit Ilia prolem* (1.273-4) [*“até que a rainha Ília dê à luz filhos gêmeos”*], a saber, Rômulo e Remo, como segue o poema. Mas há um outro passo do poema que atribui a ascendência de Júlio César e dos povos romanos não a Ascânio, mas a Sílvio, filho de Eneias e Lavinia. Lemos isto na profecia de Anquises: *Siluius, Albanum nomen, [...] unde genus Longa nostrum dominabitur Alba* (6.763-6) [*“Sílvio, nome albano, (...) donde a nossa raça dominará em Alba Longa”*]. Para O’Hara 1990: 145-147, naquele passo, Júpiter omite a verdade de Vênus, querendo lhe dizer apenas o que lhe seria mais cômodo, isto é, saber que o seu neto Ascânio seria o pai dos romanos. O estudo de O’Hara seria um exemplo das interpretações “pessimistas” da *Eneida*.

¹⁶ “*tu, romano, lembra-te de reger com autoridade os povos!*”.

¹⁷ Conte 1994: 279.

Atentemos aos primeiros versos da epopeia: *uirum* [...] *qui primus* [...] *uenit* (1.1-2) [“o varão (...) que primeiro (...) veio”]. *primus* aqui é predicativo de *qui* (sc. *uirum*), de modo que significa algo como, seguindo Márcio Thamos, “na qualidade de primeiro”,¹⁸ admitindo-se que esse sentido seja predominante em relação ao temporal, caso a palavra fosse lida como advérbio. O herói é *primus* no seu papel fundador, ético e cívico, aquele que seguiu as duras determinações dos Fados, conquanto *non sponte* (4.361) [“não por vontade”], e permitiu a existência de Roma, cuja expressão fecha a proposição como fruto último das ações de Eneias: *altae moenia Romae* (1.7) [“muralhas da alta Roma”]. Verificamos em todo o poema o que Thamos chama de “jogo polissêmico entre passado mítico e história romana”.¹⁹

Eneias é, entre outras coisas, um “arquétipo ético”²⁰ ou um “herói ético”.²¹ Ele é, com efeito, um exímio navegador e guerreiro, mas o seu principal aspecto não é ser iroso como Aquiles ou *polytropos* como Odisseu, senão *pius*.²² A *pietas*, segundo Pereira,²³ é um valor tipicamente romano e corresponde à observância dos deveres garantidores da vida da comunidade e do culto aos deuses, por exemplo, os Manes, Lares e Penates. No tempo de Virgílio, esse valor esteve intimamente associado ao Augusto pacificador.²⁴ Na *Eneida*, a *pietas* quer dizer que Eneias, na maior parte das vezes, respeita os deuses, privilegia a segurança dos seus compatriotas troianos, não deixa de cumprir rituais fúnebres e, acima de tudo, antepõe à sua própria

¹⁸ Thamos 2011: 35-37.

¹⁹ Thamos 2011: 144.

²⁰ La Penna 2005: 138.

²¹ Oliva Neto 2016: 28-31.

²² É como Ilioneu descreve Eneias para Dido (1.544): *rex erat Aeneas nobis, quo iustior alter/ nec pietate fuit, nec bello maior et armis* [“Eneias era o nosso rei, do qual nenhum outro foi mais justo em piedade (*pietate*), nem maior em guerra e armas”]. Evidentemente, em português, “piedade” tem outra conotação.

²³ Pereira 1984: 326-327.

²⁴ Propércio (3.22.20-22): *Famam, Roma, tuae non pudet historiae./ nam quantum ferro tantum pietate potentes/ stamus: victricis temperat ira manus* [“Tua história, Roma, não envergonha a Fama. Pois permanecemos fortes tanto com a espada quanto com a piedade (*pietate*): a mão do vencedor amansa a ira”]. Em 27 a. C., Augusto devolveu a *res publica* ao senado e ao povo, e, em homenagem ao *imperator*, ergueu-se na casa do senado um *Clupeus Virtutis*, onde são exibidas quatro virtudes, uma delas sendo a *pietas*. Galinsky 1996: 88 afirma que esta virtude encontrava, à época, a sua materialização no próprio Augusto, sobretudo por conta da reconstrução de mais de oitenta templos executada por ele, o que representava a sua devoção aos deuses.

felicidade o cumprimento da imposição dos *iussa deum* (6.461) [“*ordens dos deuses*”] e *imperiis suis* (6.463) [“*suas ordens*”]. Eis aí outra função do mito no poema: em vez de somente explicar as causas, na forma de eventos e pessoas, que estão na base da origem de Roma, também caracteriza, nas palavras de La Penna, um modelo de valores para os romanos.²⁵ Eneias encarna o valor romano da *pietas* para fundar Roma; o leitor, assim, é instado a ler o poema teleologicamente.²⁶ Em outras palavras, a finalidade da ação de Eneias, a fundação de Roma, está presente em todas as partes do poema como causa e princípio explicativo de tudo, e a própria figura de Eneias explica o próprio Augusto *pius*.

A escolha de Virgílio para a fábula do seu poema é propícia para referir-se ao presente, falando do passado. Mas o sentido histórico da epopeia de Virgílio depende das referências explícitas a fatos históricos, não lendários ou míticos – e o mesmo deve ser afirmado d’*Os Lusíadas*. No caso da *Eneida*, as referências explícitas à história romana estão contidas principalmente nas profecias, visto que a ação pertence ao tempo homérico e, do ponto de vista romano, lendário;²⁷ no caso d’*Os Lusíadas*, encontramos-las principalmente em relatos de coisas anteriores ao tempo da ação e em profecias que as personagens ouvem dos deuses. Isto implica que as referências a tempos distintos do presente da fábula sejam mais numerosas e complexas no poema de Camões do que no de Virgílio;²⁸ uma das causas disto é que a fábula de Virgílio é lendária, e a de Camões foi extraída de crônicas e documentos históricos de um evento pouco anterior ao poeta. Emprestando a terminologia de Genette, Belline afirma que as prolepses são “um meio de que se serve o autor para provar uma tese”²⁹

²⁵ La Penna 2005: 138.

²⁶ Cf. Feeney 1993: 94.

²⁷ Muitas vezes, porém, o autor da *Eneida* remete o leitor ao tempo augustano, entendido no poema como o ápice da história romana, mesmo quando esta não está declarada. É elucidativo o exemplo da cena em que Netuno desfaz imperativamente as tormentas provocadas pelos Ventos ordenados por Juno e com isso exerce autoridade sobre o seu próprio domínio: *sic ait et dicto citius tumida aequora placat* (1.142) [“*assim disse e, antes de que terminasse de falar, aplaca os mares revoltos*”] e *temperat aequor* (1.146) [“*o mar amansa-se*”]. Segundo Camps 1969: 8, há nessa atuação de Netuno a evocação da imagem do próprio Augusto, notório por ter estabelecido a paz em Roma (*pax augusta*, *pax romana*), tendo dado um fim às guerras civis. Cf. Camps 1969: 95-104 sobre os “ecos da história” na *Eneida*.

²⁸ Belline 1980: 30-31.

²⁹ Belline 1980: 28.

em ambos os poemas, isto é, não têm um fim em si mesmas. Isto é válido sobretudo para a *Eneida*.³⁰

São três as principais profecias da *Eneida* que ilustram a história romana: a fala de Júpiter a Vênus (1.257-296), a apresentação das almas dos futuros romanos e seus antepassados a Eneias por Anquises (6.760-885) e a écfrase do Escudo de Eneias (8.626-729), todas elas produzidas (as duas primeiras proferidas e a última pintada) por entes que lhe conferem autoridade: Júpiter, Anquises e Vulcano.³¹

A primeira dessas três profecias é feita por Júpiter como resposta à sua filha Vênus, que declara, *lacrimis oculis suffusa nitentes* (1.228) [*“com os olhos brilhantes cheios de lágrimas”*], a sua preocupação com o sucesso dos troianos (1.229-53). O *pater deorum* anuncia que revelará os *Fatorum arcana* (1.262) [*“arcanos dos Fados”*]. Segue-se que o deus enumera alguns descendentes de Eneias que serão poderosos e líderes de longínquos reinados. A resposta à pergunta desesperada de Vênus – *quem das finem, rex magne, laborum?* (1.241) [*“qual fim darás, grande rei, aos trabalhos (de Eneias)?”*] – deverá ser que provavelmente não (1.263-6), mas, em compensação, a linhagem de Eneias receberá do deus *imperium sine fine* (1.279) [*“império sem fim”*]. Este é um exemplo claro de hipérbole; neste caso, o efeito da hipérbole é dar o tom sublime da glorificação de Roma.³² É fulcral nesse estabelecimento de tom a cena da interação entre Vênus e Júpiter, por estar no início do poema. Observemos, a partir de Hardie,³³ por exemplo, as expressões universais dos

³⁰ Devemos observar que, quanto a *Os Lusíadas*, também as analepses constituem esse “meio”, sendo a mais expressiva delas (cantos III e IV quase inteiros) um relato histórico, como não é na *Eneida*, em que a maior analepse (livros II e III) é o relato da fuga de Troia e das errâncias até chegar ao seu presente (algo a que é análogo o Canto V d’*Os Lusíadas*), eventos ainda dentro do âmbito lendário.

³¹ Hardie 2014: 94.

³² Segundo Hardie 1986: 252-253, para muitos a “fonte da hipérbole virgiliana” poderá ter sido a própria realidade de uma Roma gigantesca, tanto mais se se contrastá-la com uma Roma de pouco tempo atrás, pequena e primitiva, como deveria ser a percepção dos romanos no tempo do poeta. Talvez isso tenha podido apaziguar e em certa medida justificar o “absurdo” aparente de afirmações no poema como essa. Heinze 1965: 488, referido por Hardie, afirma que “os romanos foram, como nenhum outro povo, receptivos ao sublime, no sentido virgiliano”. Vemos que a *Eneida* toma o lugar das epopeias históricas em Roma, as quais se aproximam pela escolha do tema de interesse nacional, mas Virgílio dá à erudição factual a função não de ensinar, senão de provocar “o sentimento nacional” (Heinze 1965: 475).

³³ Hardie 1986: 329-335.

elementos ou domínios da natureza ali constantes. As primeiras palavras de Vênus a Júpiter o caracterizam solenemente – *o qui res hominumque deumque/ aeternis regis imperiis et fulmine terras*³⁴ (1.229-30) –, e logo em seguida a deusa qualifica o tamanho da injustiça para com a gente que ama: *cunctus ob Italiam terrarum clauditur orbis*³⁵ (1.233); a reclamação de Vênus está fundada em que Júpiter, segundo ela, havia feito uma promessa pelos *Romanos* [...] *a sanguine Teucro, qui mare, qui terras omni dicione tenerent*³⁶ (1.234-6). Na resposta de Júpiter abundam as expressões universais, como na antevisão da apoteose de Eneias (1.259-60), na sua garantia do império infinito (1.279) e quando afirma que mesmo Juno, opositora, ceder-lhes-á a vitória, ela que *mare nunc terrasque metu caelumque fatigat*³⁷ (1.280).

É nesse episódio, a primeira profecia histórica do poema, que começa a formular-se o argumento de que as ações de Eneias e os frutos delas têm proporções universais. De acordo com Hardie, “os termos extremos da história de Roma, enquanto vista na relação com o universo físico, são dispostos nas falas de Júpiter e Vênus no Livro 1”.³⁸ Mas é nas outras daquelas três profecias que a imagem da história é efetivamente construída. Vejamos a segunda e deixemos a terceira para a próxima seção. Eneias desce aos inferos, atravessa o Hades e chega ao Elísio, onde Anquises o recebe e lhe apresenta as almas de diversas personalidades da história de Roma, desde Sílvio, filho que Eneias viria a ter com a esposa conquistada Lavinia (6.760-6), até Marcelo (6.868-85).

Carlos Ascenso André³⁹ observa que, em termos de estrutura narrativa, o Livro VI é o “núcleo central” da obra, pois representa um momento de

³⁴ “ó tu, que reges com poderes eternos as coisas dos homens e deuses e com o raio provocas terror”.

³⁵ “fecha-se (a eles = quibus, 1.232) o mundo inteiro (cunctus orbis terrarum) por causa da Itália”. Conington 1853: 54 lê *ob Italiam* como adjunto adverbial de *clauditur*, “i. e. para prevenir a sua chegada à Itália”. Com Sérvio *ad “ob Italiam”, Aen. 1.233: OB ITALIAM ne ad Italiam perveniant, toto orbe pelluntur* [“OB ITALIAM: para que não cheguem à Itália, são jogados por todo o mundo”]. Thamos 2011: 351, na sua tradução, parece entender *ob Italiam* com *tot funera passis* (1.232): “[...] após sofrerem tanto pela Itália, se fecha o mundo inteiro para eles?”].

³⁶ “romanos [...] advindos do sangue do Teucro (sc. Eneias), que deveriam comandar, com toda a soberania, o mar e as terras”.

³⁷ “agora atormenta, causando medo, o mar, as terras e o céu”.

³⁸ Hardie 1986: 335. Outras passagens do Livro 1 enquanto aquele que abre a obra são fundamentais. Cf. por exemplo 1.3; cf. Hardie 1986: 331.

³⁹ André 1984: 133-138.

transição que se poderia expressar nos binômios morte-vida e passado-futuro. Eneias desce ao mundo dos mortos, no entanto, por ter lá ido em circunstâncias diferentes das normais (morrer literalmente), volta ao mundo dos vivos com conhecimento privilegiado. “Morre” ali o passado de Eneias, e reanima-se-lhe a motivação para os seus trabalhos futuros, agora que ele conhece a razão nobre dos seus sofrimentos; lembremo-nos de que Anquises lhe chama *Romane* (6.851). Finalmente pode começar a parte iliádica do poema, pois foi esclarecida ao herói a razão da guerra que deverá mover aos latinos e rútilos, mesmo que, pela índole de *pious*, não deixe de lamentá-la. Nos versos finais da parte central do discurso de Anquises (6.847-53), define-se quais serão as especialidades dos povos romanos em oposição às dos gregos: as destes serão as ciências e as belas artes, enquanto as daqueles serão, além de *regere populos* (6.851), [...] *pacisque imponere morem,/ parcere subiectis et debellare superbos*⁴⁰ (6.852-3). Sim que esta passagem possa causar perplexidade, na medida em que é uma declaração de inferioridade em relação aos gregos,⁴¹ mas é também uma afirmação das virtudes romanas da força militar e da clemência enfatizada por meio da comparação com as atividades gregas, anota Basson,⁴² marcada pela oposição *alii-tu* (*alii* = outros = gregos, 6.847, em oposição a *tu* = Eneias, 6.851). Por fim, quanto ao catálogo dos heróis, leiamos uma parte da apresentação de Otaviano Augusto:

*Hic uir, hic est, tibi quem promitti saepius audis,
Augustus Caesar, diui genus, aurea condet
saecula qui rursus Latio regnata per arua
Saturno quondam, super et Garamantas et Indos
proferet imperium; iacet extra sidera tellus,
extra anni solisque uias, ubi caelifer Atlas
axem umero torquet stellis ardentibus aptum.*⁴³ (6.791-7)

⁴⁰ “e também impor a lei da paz, poupar os subjugados e derrotar os soberbos”.

⁴¹ Cf. Vasconcellos 2001: 14-15.

⁴² Basson 1975: 88-89.

⁴³ “É este o herói, é este que, tantas vezes, ouves estar-te prometido./ Augusto César, filho de um deus, que restabelecerá de novo no Lácio/ os séculos de ouro, nos campos que foram outrora/ reino de Saturno, e para além de Garamantes e Indos/ há de dilatar o império; um território se estende para além das estrelas,/ para além do tempo e dos caminhos do Sol, onde Atlas, que sustenta o céu,/ faz girar sobre os ombros a abóbada recoberta de estrelas incandescentes.” Tradução de André (Virgílio 2022: 339).

Aqui é possível verificar diversos *topoi* do discurso encomiástico de Virgílio que já tocamos. Observemos apenas alguns deles e alguns dos procedimentos retóricos. A repetição do pronome demonstrativo em 790, que causa um efeito de morosidade, marca o maravilhamento e a solenidade (*hic uir; hic est*) que se materializam, no verso seguinte, no nome de César Augusto, ao contrário de outras personagens históricas que, durante a fala de Anquises, não recebem nome, apenas são referidas com o demonstrativo (de preferência *ille*, não *hic*). Norden⁴⁴ chama a atenção para as três palavras solenes de 791: *Augustus*, *diuus* e *genus*, apropriadas ao conteúdo do verso. Este é o homem que restaurará a Idade de Ouro (*aurea saecula condet*), tema recorrente na poesia, inclusive nos outros dois poemas de Virgílio. Percebam-se ainda as expressões da ausência de limite para a conquista do imperador, tanto temporal quanto espacial (*iacet extra sidera tellus, extra anni solisque uias, ubi caelifer Atlas...*). A hipérbole é um tropo naturalmente apropriado ao panegírico.⁴⁵

A partir da revisão de alguns dos aspectos do discurso histórico-encomiástico de Virgílio, casos de emulação camonianiana se evidenciam sem dificuldade. Façamos antes uma distinção útil: se a matéria que informa a ação básica da *Eneida* foi colhida por Virgílio na lenda, a d'*Os Lusíadas* Camões colheu em grande parte nos documentos, opiniões e discursos que estavam em voga no seu tempo, sobre os eventos reais desse tempo e que constituíram aquilo a que Matos chama “ambiência épica”⁴⁶ de Portugal. O autor demonstra como o tema dos descobrimentos foi o principal motor da vida cultural portuguesa do século XVI, em todos os seus setores, desde a arquitetura até os exemplos pelos quais os gramáticos e matemáticos ilustravam as suas explicações. Se se poderia argumentar que demorou a vir à luz a epopeia nacional, é preciso também admitir que o expansionismo português deu ensejo a uma ingente produção letrada, sobretudo a científica, que, pelo vigor com que apareceu em Portugal, fez jus ao interesse nacional pelo tema, participando dele. Carvalho propõe uma esquematização que concebe, entre os séculos XV e XVI, cinco gêneros dentro da literatura de viagens: crônica, descrição de terras, diários de bordo, roteiros e guias náuticos, além de obras diversas “de caráter científico e técnico” e outras “em que se trata de viagens por terra”.⁴⁷ O protagonismo e a liderança de

⁴⁴ Norden 1976: 324.

⁴⁵ Hardie 1986: 256.

⁴⁶ Matos 1991: 20.

⁴⁷ Carvalho 1980: 25.

Portugal nas navegações, do Atlântico ao Índico, espelharam-se na própria ciência náutica e cartográfica produzida pelos portugueses.

Segundo Bowra, diferentemente dos seus predecessores Homero e Virgílio, Camões, na construção do enredo da sua épica, “não estava preocupado com um passado imaginário, mas com história documentada ou com um presente do qual ele mesmo era testemunha”.⁴⁸ Evidentemente, devemos ler a citação de Bowra cautelosamente, a partir daquilo que já dissemos sobre a *Eneida*: neste poema, não se trata de simples “passado imaginário”. Atribuindo ao teor histórico d'Os *Lusiadas* um papel fundamental na sua definição temática, Storck chegou mesmo a aventar a hipótese de que Camões tivesse composto primeiro os cantos ditos históricos (III e IV), para somente depois subsumi-los a uma narrativa marítima misturada com a mitologia.⁴⁹ Ainda que as suposições sobre a cronologia da feitura da obra não possam ter respaldo em evidência sólida, essas correspondem, na visão do autor, a uma hierarquia na estrutura da obra: história e, secundariamente, mito. Nesta leitura, a viagem do Gama não seria senão a “moldura da narração”,⁵⁰ com o que Storck contraria a interpretação de Faria e Sousa,⁵¹ segundo a qual o tema d'Os *Lusiadas* é precisamente o “peito ilustre Lusitano” (1.3.5), que o comentador seiscentista afirma ser o próprio Gama.

De acordo com Cidade, o tema da obra deve ser algo mais específico do que a história portuguesa; não é possível, segundo o camonista, afirmar que Camões componha uma história nacional, uma vez que o poeta faz uma seleção dos episódios que ilustram especificamente a história da expansão marítima.⁵² No esquema geral da obra, a história que precede as ações de expansão encontra-se resumida em comparação com as ações diretamente ligadas ao expansionismo. Cidade dá uma nuance ao conceito de “história portuguesa” que, no entanto, não é necessária. Bowra terá notado a mesma seletividade – “escolha e arte judiciosa” – de Camões como uma das “vantagens” do tema d'Os *Lusiadas*, relativas precisamente à “história (*story*) de

⁴⁸ Bowra 1945: 94.

⁴⁹ Storck 1980: 464-467. Para uma revisão de algumas das interpretações d'Os *Lusiadas* e de tentativas de definição temática, especialmente de autores de língua alemã e portuguesa, cf. Laitenberger 2012.

⁵⁰ Laitenberger 2012: 382.

⁵¹ Faria e Sousa 1.147D-E *ad* 1.3.5, “peito ilustre Lusitano”. A interpretação de Faria e Sousa é hoje descreditada. Cidade (2001: 27-28) sustenta que o herói da obra, compreendido na expressão em 1.3.5, seja o povo português inteiro, fato também indicado pelo próprio título.

⁵² Cidade 2001: 30-33.

Portugal”.⁵³ E Saraiva, que formou com Cidade uma interação acadêmica importante para os estudos camonianos no século XX, vê diferentemente desse crítico a interação entre a navegação expansionista e a história geral portuguesa: “O tema escolhido por Camões para o seu poema foi toda a história de Portugal [...]. Era a propósito da viagem do Gama que Camões pretendia evocar toda a história de Portugal” sendo o Gama um dos seus “relatores principais”.⁵⁴ Alcancemos ou não uma definição temática precisa da obra, a história tem posição de centralidade no poema. Investiguemos mais a fundo as suas funções.

Relevará agora observar aquilo que Carvalho entende como a “constante”⁵⁵ do Renascimento português, que, sabe-se, foi mais científico do que artístico: o fato de que os cientistas e marinheiros costumam refutar e atualizar afirmações feitas pelos antigos sobre o oceano com base na sua própria experiência. D. João de Castro, no *Tratado da Esfera*, afirma, pela observação e oposição aos predecessores, o que segue: “*Vista*, pois, tal *experiência*, fica bem reprovada a opinião dos antigos”;⁵⁶ e citemos também Garcia de Orta, nos seus *Colóquios*: “Digo que se sabe mais em um dia agora pelos Portugueses, do que se sabia em cem anos pelos Romanos”.⁵⁷ Esta é uma instância científica de um discurso emulativo que procura superar gregos e romanos. Camões, portanto, colheu na “ambiência épica” do seu tempo a matéria,⁵⁸ mas também um dos argumentos de aspecto emulativo que transforma no seu discurso épico: a verdade baseada na experiência, compreendida como prova científica. O poeta, nas palavras de Figueiredo, foi uma “alma assimiladora” dos textos disponíveis e transformadora em poesia do “sonho nacional” que era a viagem marítima para os portugueses.⁵⁹ Ao mesmo tempo, completa Figueiredo, “de quase toda a matéria componente do poema se encontram formas anteriores”.⁶⁰ Não poderia ser diferente, se *Os Lusíadas* é todo assentado nos modelos clássicos – e por isso mesmo Camões pode emular os antigos –, mas isto já prescinde de prova.

⁵³ Bowra 1945: 91.

⁵⁴ Saraiva 2017: 328.

⁵⁵ Carvalho 1980: 31.

⁵⁶ *apud* Carvalho 1980: 31, *itálico* nosso.

⁵⁷ *apud* Carvalho 1980: 30.

⁵⁸ O fato é demonstrado por Rodrigues 1979.

⁵⁹ Figueiredo 1941: 127-130.

⁶⁰ Figueiredo 1941: 130.

Destacamos acima as palavras “vista” e “experiência” em um trecho do *Tratado da Esfera*. É conhecida a importância dos verbos sensoriais n'Os *Lusiadas*, dos quais os mais expressivos são aqueles ligados ao campo semântico da visão. Leiamos:

Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,
E do que inda hei-de ver, a oitava parte? (5.86)

Aí Vasco da Gama defende a verdade daquilo que contou sobre a sua própria viagem (5.1-85). Sem que elucidem a emulação de Virgílio em específico, pois inclui também Homero, essa estância e outras a seguir nos permitirão compreender as linhas gerais do discurso emulativo camoniano, nos dois conceitos de “verdade” que apresenta: esse “científico-empírico” que observamos estar em voga no tempo do poeta e outro especificamente “cristão”; seguimos aqui uma divisão apontada por Langrouva.⁶¹ N'Os *Lusiadas*, o verbo “ver” registra 440 ocorrências,⁶² três das quais no trecho que se acabou de ler. O Gama, para convencer o Rei melindano, recorre ao argumento empírico,⁶³ como os navegantes cientistas do seu tempo; mas todos eles, o Gama e aqueles que alegam a experiência como prova, fazem-no bem ao modo daqueles que protagonizaram o nascimento e o desenvolvimento do gênero historiográfico, emulando os poetas com base no critério da verdade atestada empiricamente. A valorização dos sentidos, sobretudo a visão e a audição, como fins comprobatórios é tópica antiga e fundamentou o surgimento e o fortalecimento do gênero historiográfico em

⁶¹ Langrouva 2011: 965.

⁶² IAVOL 1966: 406-416. E não destacamos ainda os substantivos “visão”, “vista”, a locução “à vista de”, o verbo “olhar”, o substantivo “olho” e tudo o mais que esteja dentro desse campo semântico.

⁶³ O campo em que o Gama domina os africanos e mouros é, antes da guerra, a retórica. É assim porque o Gama é herói especificamente católico, exerce as virtudes da prudência e da mediania e busca espalhar a palavra da Fé e do Império (Hansen 2005: 181-182; Hansen 2008: 75).

oposição à poesia.⁶⁴ Será o Gama uma espécie de historiador ao modo grego no Canto 5? No sentido em que alega declarar a verdade do seu discurso com base na própria experiência e assemelha-se nisto aos navegantes cientistas do seu tempo, e no sentido em que isto é imitar os discursos historiográficos e científicos antigos, sim.⁶⁵ Com efeito, Rebelo Gonçalves afirma que *Os Lusíadas* “sofreu [...] as influências dos historiadores antigos em geral”⁶⁶ e, em específico, não de um grego, mas de Tito Lívio. No seu ensaio, Gonçalves mostra que Camões compartilha com o historiador romano, mais do que passagens comparáveis, uma certa postura no discurso relativo ao poder, a saber, o de não subserviência e o de crítica.

A própria ação do poema, portanto, possui um estatuto histórico que permite o discurso, de outro modo inverossímil, em defesa da sua verdade empiricamente comprovada, um tema inexistente naquelas épicas antigas. Devemos concordar, portanto, com Piva, para quem Camões “sujeita[...] a multiplicidade de ações verdadeiras e não fantásticas a um fato histórico: a navegação de Vasco da Gama”;⁶⁷ e diz ainda Piva: “o objetivo de Camões é tirar efeito da verdade, pois somente ela engrandeceria as personagens que surgiriam no decorrer dos versos. Só a veracidade poderia ser portadora de exemplos de virtude [...]”.⁶⁸ A história, n’*Os Lusíadas*, não estará lá apenas para ser louvada, uma vez que os excursos do poeta são duros contra os próprios integrantes da história narrada, dividida em passado, presente e futuro. O veio histórico do poema, ao ver de Macedo,⁶⁹ explica-se como uma maneira de demonstrar casos particulares daquilo que deve converter-se na regra geral a ser seguida por todos. “Para tanto, não é indispensável que o dado seja ‘de

⁶⁴ Retomemos um trecho do historiógrafo Políbio 2001: 121-122: “Pois nós temos, por natureza, como que dois instrumentos com os quais tudo aprendemos e investigamos, a audição e a vista, sendo muito mais verdadeira a vista, conforme Heráclito, pois os olhos são testemunhas mais exatas que os ouvidos.” O Gama usa ambos os verbos sensoriais referindo-se ao Adamastor: “ouvi-lo e vê-lo” (5.40.8).

⁶⁵ Não deixemos de mencionar 5.23: “Se os antigos Filósofos, que andaram/ Tantas terras, por ver segredos delas,/ As maravilhas que eu passei, passaram,/ A tão diversos ventos dando as velas,/ Que grandes escrituras que deixaram!/ [...] E tudo sem mentir, puras verdades”. Faria e Sousa (2.491B-C, itálico nosso) ad “E tudo sem mentir”: “Porque muchos de esses investigadores de los secretos naturales [...] se dexaron dezir muchas mentiras, de que despues los fiscalizò la *experiencia*”.

⁶⁶ Gonçalves 2002: 122.

⁶⁷ Piva 1968: 117-118.

⁶⁸ Piva 1968: 118.

⁶⁹ Macedo 1979: 125-126.

passado', mas sim verdadeiro.”;⁷⁰ Macedo refere-se aí ao elemento epidítico-didático da obra épica.⁷¹ No caso de Camões, esse elemento é articulado por meio da representação histórica. Nesses termos o poeta oferece o seu canto ao rei D. Sebastião: “Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,/ Fantásticas, fingidas, mentirosas,/ Louvar os vossos, como nas estranhas/ Musas [...]” (1.11-1-4), opondo: “As verdadeiras vossas são tamanhas” (1.11.5).

O conceito de “verdade científica”, que vimos estar em voga no tempo de Camões como fundamento da emulação dos antigos, aplica-se ao discurso sobre a viagem do Gama, mas não propriamente ao conteúdo histórico do poema. Apesar de que a viagem tenha estatuto histórico evidente, convém separar, como se faz usualmente, os planos narrativos da “viagem” e da “história”.⁷² A este último plano se prestaria mais adequadamente um conceito de “verdade cristã”, visto que o Gama não afirma ter visto e ouvido tudo desde Afonso Henriques – lembremos da “história sacra” de que fala Hansen. Ambos os planos, ao nosso ver, estão abrangidos pelo conceito de “verdade” n'Os *Lusíadas*. Em 5.86, o Gama se refere necessariamente à sua viagem (“tais caminhos”, “pelo mundo”, “mar profundo”; “eu vi”), mas a conclusão da sua fala, em 5.89 (“A verdade que eu conto, nua e pura,/ Vence toda a grandíloca escritura”), parece ser menos específica e comparar tudo o que contou, a história portuguesa e a viagem, ao que se contou nos poemas épicos antigos. Em 1.11, que já vimos, Camões parece englobar nas “verdadeiras vossas [façanhas]” tanto a viagem quanto os feitos dos reis e heróis passados contados nos relatos históricos. Na última estrofe da proposição, Camões se refere à viagem do Gama e também àqueles reis e heróis quando diz “valor mais alto” (1.3.8), porque com essa expressão se refere ao conteúdo inteiro do seu poema que resumiu de modo programático nas duas estrofes precedentes: os navegantes da ação principal (I.1, “barões

⁷⁰ Macedo 1979: 126.

⁷¹ Cf. Vickers 1983, que mostra que o gênero epidítico teve presença notável nas letras do Renascimento e uma relação específica com a poesia heroica. O autor 1983: 502-505 observa que as categorias de louvor e censura sobreviveram, nesse período, atreladas a uma análise da virtude e do vício, respeitando a ligação entre epidítico e ética já estabelecida por Aristóteles (*Rhet.*, 1366a); no caso da épica-heroica renascentista, continua Vickers 1983: 518-523, o discurso laudatório ou depreciativo apresenta exemplos de virtude e vício que devem conduzir os leitores ao comportamento adequado, segundo o sistema moral transmitido pela obra. Cf. Oliveira e Silva 2000 sobre *Os Lusíadas* como obra de persuasão de D. Sebastião.

⁷² A sistematização de quatro planos foi feita por Sena 1970: 107-115: “Excursos do Poeta”, “A Viagem”, “Os Deuses” e “História de Portugal”. Berardinelli 2000: 15-30 segue esse esquema geral, mas faz subdivisões diferentes das de Sena.

assinalados”⁷³) e as memórias⁷⁴ dos reis (1.2.2-4, “daqueles Reis”) e de outros heróis (1.2.5-6, “aqueles que se vão da lei da morte libertando”).

Percebemos como a viagem e a história, no escopo do conceito de “verdade”, estão inter-relacionadas de uma maneira que não seria possível na *Eneida*. Nisto, ser-nos-á conveniente aquilo que Fernando Gil assume como base conceitual para a tese que apresenta: *Os Lusíadas* é uma narrativa de fundação – a navegação da armada do Gama é o primeiro passo para a edificação do “Novo Reino” (1.1.8) na Índia, além de que o próprio relato histórico possui outras fundações precedentes, como a do Portugal mesmo, na pessoa de Afonso Henriques (3.30-84) –, e “também a encarnação do conjunto da comunidade nos navegantes [...] e a legitimação do contingente por efeito de um processo contínuo de descoberta que deveria consumir-se no império [...] produzem como que a validação da viagem”.⁷⁵ A história contada pelo Gama, portanto, é um precedente que legitima e possibilita a viagem. Vemos assim que *Os Lusíadas* se insere na linha virgiliana como epopeia de fundação, mas a interação da ação com a história participa do discurso emulativo.

Notamo-lo em termos estruturais. Eneias, nos livros 2 e 3, conta a Dido primeiro os eventos que causaram a fuga de Eneias e, depois, os seus erros até chegar ao ponto em que está; são estes os eventos recentes que explicam diretamente a sua presença em Cartago e que, para Eneias, significam *renouare dolorem* (2.3) [“renovar a dor”]. O canto d’*Os Lusíadas* homólogo aos 2 e 3 da *Eneida* é o 5, mas Camões inclui, no relato do Gama ao rei depois do começo *in medias res*, dois cantos quase inteiros cujo conteúdo é a história portuguesa que valida e explica a viagem. Trata-se, pois, de um relato que, à diferença do de Eneias, apresenta a história prolífica e grandiosamente, que por sua vez confere magnanimidade à viagem. A

⁷³ No entender de Rodrigues 1979: 512 (itálico do autor), “para o sentido, *as armas* é como que uma excrescência inútil.” Uma das explicações que o autor fornece é a de que a primeira atividade expressa dos “barões” não é bélica, mas navegar (1.1.3), e o Gama é navegante antes de ser guerreiro.

⁷⁴ Há uma distinção clara dos tempos entre a primeira e a segunda estrofes: a primeira anuncia a ação presente, e a segunda, o relato do passado, a ser contado pelos dois Gamas. Cf. a anotação de Epifânio Dias 1972: 2 *ad* “memórias” (1.2.1): “= feitos (de que há recordação). Também *memória* ocorre na acepção de ‘acontecimento (de que há lembrança)’”. As profecias não são previstas na proposição, que aparecem ao final do poema como intervenções do mito e talvez como surpresa, justo por não estarem na proposição.

⁷⁵ Gil 1998: 19-20.

ligação entre a história e a atualidade da narração é reafirmada pelo fato de que ambas constam de uma mesma fala ininterrupta.⁷⁶ Por fim, o discurso emulativo de Camões, nesses termos estruturais, consiste em diminuir a viagem de Eneias e, por consequência, a fundação que enseja; engrandece a sua viagem, empiricamente comprovada, e fundamentada pela história dos feitos portugueses que culminaria no “Novo Reino”.

Uma das partes da história narrada pelo Gama que são imprescindíveis para a legitimação da viagem são as estâncias 3.45-46, onde é referido o milagre de Ourique. Como observa Gil, este “sela o destino de Portugal, vocacionado desde a origem para servir a cristandade”.⁷⁷ Analisando uma passagem do episódio, Macedo conclui haver n'Os *Lusíadas* uma “teoria da história de Portugal”, que consiste em evidenciar as correspondências entre eventos particulares como este e aquilo que chama de “exigência global”, isto é, a universalidade.⁷⁸ Portugal, desse modo, terá nascido da Providência, que confere graça à história, sem deixar de punir os que se desviam do propósito nobre dessa história por ganho individual. A cristandade, portanto, está na base do discurso de engrandecimento de Portugal. Na verdade, é talvez a única coisa que explique a vitória dos portugueses, o que se acha diversas vezes expresso no poema quando se destaca o número reduzido deles⁷⁹ frente aos mouros e o poderio destes. Sucede assim nos três principais episódios de batalha contidos no poema – Ourique, Salado e Aljubarrota –, aponta Berardinelli.⁸⁰ Os paralelos estruturais e as declarações de emulação de Virgílio deixam lícito que o simples afirmar-se verdadeira é emulação da história virgiliana.

Refiramos brevemente outro passo do poema em que a história é pujante. Com intenção diplomática, Paulo da Gama recebe o Catual

⁷⁶ Poder-se-ia objetar que a história romana, na *Eneida*, é contada alhures, e que, portanto, não há um discurso histórico a mais n'Os *Lusíadas*; isto não se confirma, se compararmos, em cada poema, os discursos históricos mais relevantes. Façamos uma equivalência possível. Profecia de Júpiter (*En.*) = profecia de Júpiter (*Os Lus.*); catálogo de heróis de Anquises (*En.*) = apresentação das bandeiras de Paulo da Gama (*Os Lus.*); Escudo de Eneias (*En.*) = profecias da Ninfa e de Tétis (incluindo a Máquina do Mundo, o paralelo concreto do Escudo), consideradas um único episódio (*Os Lus.*). Sobre, com efeito, o discurso histórico do Gama (cantos 3 e 4), ao qual não há nada parecido, quanto mais em extensão, na *Eneida*.

⁷⁷ Gil 1998: 24.

⁷⁸ Macedo 1979: 119.

⁷⁹ Cf. o excurso do poeta em 7.3: “Vós, Portugueses, poucos quanto fortes” (1).

⁸⁰ Berardinelli 2000: 59-60.

na nau capitânia, onde ele se interessa por bandeiras dependuradas que representam heróis, que o Gama então lhe mostra e descreve (8.2-42). Não seria inadequado pensar que apresentação dos heróis por Camões seja construída como emulação do catálogo de heróis virgiliano. Resolvemos extrair essa sugestão de um comentário de Figueiredo, para quem o poema, em conformidade com a tese emulativa anunciada em 1.3, constitui um “desfile” informado em um “panorama epo-histórico”, e no qual por vezes o poeta “adverte-nos ou recorda-nos que estamos assistindo a uma parada com tendencioso fim, que é a comparação emuladora com os antigos”.⁸¹ O aspecto de “parada” ressalta mais na apresentação do Gama, cuja fala é repleta de dêiticos e contém muitos usos do verbo “ver” e relacionados para constantemente redirecionar a atenção do Catual ao próximo herói: “vês outro” (8.4.4), “este que vês” (8.6.2), “este é” (8.11.1; 8.11.5), “este que vês” 8.13.1), “vês este que” (8.16.1); à imitação de Virgílio: *ille, uides* (6.760) [“*aquele, vês*”], *uiden* (6.779) [“*vê*”] etc. O Catual interrompe com curiosidade a apresentação do Gama mais de uma vez (8.5.5-8; 8.10; cf. “mil vezes perguntava”, 8.43.7); novamente, com Virgílio: *quis, pater, ille* (6.863) [“*quem, pai, aquele*”]. N’*Os Lusíadas*, emprega-se uma retórica do aumento que pretende amplificar o que se diz em relação ao determinado objeto da emulação:⁸² aqui, Camões usa mais vezes o esquema dêitico-“ver” do que Virgílio, e o Catual interrompe o Gama duas vezes, enquanto Eneias interrompe o pai apenas uma vez durante a sua apresentação. Já sabemos, de resto, que as personagens históricas narradas por Paulo, que são as mesmas narradas antes por Vasco, são postas em um patamar superior àquelas narradas na *Eneida*, por diversos profetas. O episódio da reformulação de Camões da profecia de Júpiter, na *Eneida*, explicará isto com mais detalhe.

Este episódio será particularmente instrutivo para explorarmos de modo comparativo os discursos históricos das duas epopeias de que tratamos. Na resposta de Júpiter às reclamações de Vênus, cuja fala é significativamente menor n’*Os Lusíadas*, observam-se “expressões universais” e “hipérboles”,

⁸¹ Figueiredo 1952: 165.

⁸² Como é uso do poeta. Bastará observarmos a proposição do poema em um dos seus aspectos “aumentativos” em relação à proposição da *Eneida*: o verbo da oração vem somente no décimo quinto verso, enquanto que Virgílio o coloca na terceira posição do primeiro verso. Hernâni Cidade 2001: 38 vê nessa escolha textual “apoteótico entusiasmo”; diríamos também que o “entusiasmo” é patriótico.

para usar os termos de Hardie. Os portugueses⁸³ “novos mundos ao mundo irão mostrando” (2.45.8), indo mais longe do que puderam Ulisses, Antenor e Eneias; “dela (gente forte, 2.47.7) hão medo os elementos” (2.47.8); “vereis o Mar roxo [...] tornar-se-lhe amarelo” (2.49.1-2). É às três estâncias finais, no entanto, que devemos atenção:

“Nunca com Marte instructo e furioso
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
nas civis Áctias guerras, animoso,
O Capitão venceu Romano injusto,
Que dos povos da Aurora e do famoso,
Nilo e do Bactra Cítico e robusto
A vitória trazia e presa rica,
Preso da Egípcia linda e não pudica:

Como vereis o mar fervendo aceso
Cos incêndios dos vossos, pelejando,
Levando o Idololatra e o Mouro preso,
De nações diferentes triunfando;
E, sujeita a rica Áurea Quersoneso,
Até o longínquo China navegando
E as ilhas remotas do Oriente,
Ser-lhe-á todo o Oceano obediente.

De modo, filha minha, que de jeito
Amstrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangético Mar ao Gaditano,
Nem das Boreais ondas ao Estreito
Que mostrou o agravado Lusitano,
Posto que em todo o mundo, de afrontados,
Ressuscitassem todos os passados.” (2.53-55)

⁸³ Poder-se-ia esperar que Júpiter fizesse uma promessa pela armada do Gama, pois é por ela que Vênus pede socorro, mas deve-se entender por “vossos Lusitanos” (2.44.2) um grupo que inclui os portugueses da ação e os futuros portugueses, já que, na ação do poema, o Gama não fará “ilustres feitos”, senão apenas um. O Gama faz parte dos portugueses cujo destino glorioso está garantido por Júpiter, mas também os portugueses futuros, que obrarão atividades das quais não foi o Gama o responsável, como fica evidente nas estrofes subsequentes. Homologamente, na *Eneida*, que esclarece a leitura do episódio n'Os *Lusiadas*.

Anotamos acima que, na *Eneida*, a profecia de Júpiter cumpre a função de estabelecer o tom sublime do ato fundador de Eneias e da história romana e explicar, ao leitor, aquele por esta. Ocorre o mesmo na reformulação do episódio n' *Os Lusíadas*, e, colocando Camões os feitos portugueses em comparação com aqueles de Augusto, a grandeza da história portuguesa, explicativa do ato também fundador dos navegantes, assume uma posição ainda mais elevada. Tanto mais é assim porque o passo a que se alude em 2.53 é precisamente a batalha de Ácio contada no Livro 8 da *Eneida*,⁸⁴ na éfrase do Escudo de Eneias, que constitui o cume da história romana contida no poema, pois Augusto, tendo vencido esta batalha e outras duas,⁸⁵ obtém *triplici triumpho* (8.714) [*tríplice triunfo*] e torna-se o imperador por excelência. A primeira profecia entre as mais significativas n' *Os Lusíadas*, portanto, termina com a comparação entre os feitos portugueses e o maior feito da história romana, contada como o último feito romano na última das profecias significativas da *Eneida*. Estruturalmente, Camões está dizendo que a grandeza da história portuguesa começará de onde a grandeza da história romana terminou. A diferença dos tempos verbais é esclarecedora: em 2.53, o poeta usa duas vezes o perfeito (“viu”, “venceu”) e uma vez o imperfeito (“trazia”); nas duas estâncias seguintes, usa o futuro (“vereis”, “amostrarão”, “verá”) e ainda um perfeito que Epifânio Dias julga ser um lapso (“mostrou”)⁸⁶, além de um imperfeito do subjuntivo (“ressuscitassem”), em oração concessiva com força de hipótese futura (= posto que venham a ressuscitar). A ideia comparativa está sintetizada no emprego da expressão “nunca se viu”, para a história romana”, e “nunca se verá”, para a portuguesa. Certo é que o “como” que abre 2.54 exprime comparação de igualdade⁸⁷ (parece equivaler a “desse modo” ou “desse mesmo modo”), mas Camões, com hipérbole, que é tão usual na sua epopeia, esclarece que

⁸⁴ Faria e Sousa evidencia a alusão concretamente. Segundo ele (1.471A-C), a estância 2.53 é inteira imitação de oito versos do Livro 8 da *Eneida* (675-8 e 685-8). Para o crítico seiscentista, Camões ostentou poder de concisão, concentrando oito versos latinos em oito portugueses, feito incomum.

⁸⁵ As três vitórias de Augusto são em Dalmácia, Ácio e Alexandria (Eden 1975: 189). Somente a batalha de Ácio é contada no poema.

⁸⁶ Epifânio Dias 1972: 98-99 *ad* “o estreito que mostrou o agravado Lusitano”: “é o estreito de Magalhães; v. X 138. O descobrimento deste estreito foi posterior à expedição de V. da Gama; houve pois lapso de memória em Cam., quando representou Júpiter empregando neste momento o verbo ‘mostrar’ no pretérito.”

⁸⁷ Cf. Faria e Sousa (1.471D).

a comparação, na verdade, exprime a superioridade dos portugueses: “posto que [...] ressuscitassem todos os passados”.

Por fim, façamos uma observação, a partir dessa passagem, sobre o aspecto teleológico da narrativa de Camões como imitação da *Eneida*, segundo Quint.⁸⁸ No Escudo de Eneias, o poeta que lhe faz a écfrase deixa claro que as vitórias de Aquiles são o ponto final grandioso da história como resultado de todos os seus passos anteriores. Isto é indicado pelo fato de que Vulcano inscreveu os eventos históricos no Escudo *in ordine* (6.629); o “ignipotente”, de fato, contará, por meio da arte da gravura, *res Italas Romanorumque triumphos* (6.626) [“as coisas da Itália e os triunfos dos romanos”] ou, o que é dizer de outro modo, *genus omne futurae stirpis ab Ascanio* (6.628-9) [“toda a raça da estirpe vindoura de Ascânio”]. Tudo dentro do universo épico virgiliano tem como causa e princípio explicativo as ações de Augusto. Só uma leitura teleológica do poema, portanto, pode dar sentido à ligação entre a ação principal do poema e o seu conteúdo histórico⁸⁹ – ainda que, já o vimos, a inter-relação entre viagem e história n'Os *Lusiadas* assuma contornos diferentes. Para Quint,⁹⁰ a profecia do Júpiter camoniano é indicativa dessa teleologia n'Os *Lusiadas*, em que a história portuguesa se afigura uma sequência de conquistas (“de nações diferentes triunfando”, 2.54.4) cujo ápice será o império planetário, expresso em hipérboles como “todo o Oceano” (2.54.8).

O clímax cósmico-histórico dos poemas

Tratamos, comparativamente, da transformação da história na *Eneida* e n'Os *Lusiadas*, verificando como cada um dos seus autores informa a ação principal a partir de informações externas, representa fatos históricos e, na inter-relação entre viagem e relato ou profecia histórica, engrandece a história do povo que canta. Quisemos mostrar como nisto Camões emula Virgílio, evidenciando aspectos do discurso emulativo em algumas passagens da obra. Demonstraremos agora que o clímax da representação da história portuguesa, n'Os *Lusiadas*, é uma imitação do clímax da representação da história romana, na *Eneida*. Veremos que isto quer dizer que, tal como na

⁸⁸ Quint 1989: 12-14.

⁸⁹ Quint 1989: 12-13.

⁹⁰ Quint 1989: 13-14.

sua epopeia Virgílio faz identificarem-se *imperium* e *cosmos*,⁹¹ Camões, segundo o paralelo que gostaríamos de propor, faz o mesmo, procurando, contudo, ultrapassar Virgílio. Os momentos que contêm esse clímax são aqueles correspondentes – já o antecipamos, no caso da *Eneida* – ao Escudo de Eneias e à Máquina do Mundo. Um argumento preliminar que convida a observar esse paralelo é o de que, tal como o Escudo, a Máquina é uma écfrase: “a máquina do Mundo é o objeto de descrição literária, ou *ecphrasis*, por excelência, porque representa tudo o que existe [...] através dos procedimentos clássicos [...]”.⁹² As considerações precedentes permitem que a nossa demonstração seja breve.

Para Hardie,⁹³ o Escudo de Eneias, tal como foi entendido pelos escoliastas gregos o de Aquiles, da *Iliada*, constitui uma representação do cosmos misturada com elementos políticos. A tradição do escudo como *imago mundi* é reconhecida por Sílio Itálico: [...] *clipeo amplexus terramque polumque/ maternumque fretum totumque in imagine mundum*⁹⁴ (7.120-1). O que é particularidade do Escudo de Eneias em relação ao seu modelo principal é a interpenetração dos temas da cosmologia e da história; em outras palavras, a *imago mundi* é identificada com a história, de acordo com Hardie.

O evento mais antigo contado na écfrase virgiliana é o parto e amamentação dos gêmeos pela loba, que marca o início da história, e a expressão usada por Virgílio para descrever os cuidados maternos do animal é carregada de sentido cosmológico: *corpora fingere lingua*⁹⁵ (8.634) [“dava forma aos corpos com a língua”]. Na leitura de Hardie,⁹⁶ podem-se equacionar aí o início da história com o início do cosmos. Seguindo a linha narrativa e temporal, óbvio será esperar que Roma corresponda ao cosmos formado e que o seu domínio se estenda ao orbe inteiro. Emulando Homero, que representou três divisões do mundo (*Il.*, 18.483-9: terra, mar e céu), Virgílio representa quatro: céu (*lapsa ancilia caelo*, 8.664, “caídos os escudos do

⁹¹ Hardie 1986.

⁹² Alves 2011: 555. Para o autor 2011: 558, a Máquina, sendo écfrase, chama a atenção para a poesia que descreve o objetivo, isto é, para a própria descrição e por isso é uma “sinédoque [...] do poema inteiro”. Ao final do seu artigo, o autor matiza a afirmação. Não é, em todo caso, o que pretendemos investigar.

⁹³ Hardie 1986: 340-343.

⁹⁴ “o escudo que abrange terra, céu e o mar materno na imagem do mundo todo”.

⁹⁵ Ovídio abre as *Metamorfoses*: *in nova fert animus mutatas dicere formas/ corpora* [...] (1.1-2) [“a alma (me) leva a dizer as formas transformadas em novos corpos”].

⁹⁶ Hardie 1986: 350.

céu”), Hades (*Tartareas sedes*, 6.667, “*paragens do Tártaro*”), mar (*tumidi maris*, 6.671, “*mar úmido*”), e, quanto à terra, o leitor subentende que essa dimensão abrigue as cenas anteriores ao mar (o nascimento de Roma, por exemplo), por oposição e esquematização.⁹⁷ Que Roma esteja presente também no Hades, por seus homens *pios* (6.669) e pelas *scelerum poenas* (6.667) [“*penas dos crimes*”], já observamos. O domínio de Augusto propriamente dito vai do mar – porque a batalha é ela mesma no *Leucaten* (6.677) [“*Leucate*”] – à terra, indiretamente expressa – porque não terá sido dessa maneira na realidade, de modo que Virgílio não arrisca a inverossimilhança –, em que a vitória dessa batalha teria por consequência a conquista de todos os domínios de Marco Antônio: *Aurorae populis et Litore Rubro* (6.686) [“*povos da Aurora e do Mar vermelho*”] etc.; e ainda Augusto recebe auxílio do céu, com os escudos caídos e, acrescentamos, com a ajuda direta de Apolo: *arcum tendebat Apollo* (6.703) [“*Apolo encurvava o arco*”]. Ao final da écfrase, a dimensão universal do domínio do *imperium* é mais uma vez definida, agora na forma das gentes sobre as quais Augusto passou a reinar, que, sendo tão variadas e tantas, subentende-se que sejam, afinal, todas as gentes. Diante dele, *incedunt uictae longo ordine gentes, / quam uariae linguis, habitu tam uestis et armis*⁹⁸ (6.722-3). Por fim, digamos que a identificação entre Roma e universo se dá, mais simplesmente, porque a batalha do Ácio, cujo resultado é a dominação mundial, está no escudo *in medio* (6.675) [“*no meio* (disso)”], a saber, no meio das quatro divisões do mundo previamente introduzidas. Como conclusão, citemos Hardie, que entende o Escudo como o clímax da *Eneida*: “O universo virgiliano é permeado por poder romano ou por poderes favoráveis a Roma; a assimilação nacionalista do mais grandioso símbolo cósmico da literatura antiga marca o *ne plus ultra* do desenvolvimento histórico de Roma.”⁹⁹

A Máquina do Mundo (10.76-143.2) é o clímax d'Os *Lusiadas* no sentido em que ali a história portuguesa é identificada com o cosmos. A palavra “clímax”, de fato, parece mais apropriada à Máquina do Mundo do que ao Escudo de Eneias, na medida em que é a última parte narrativa do poema (depois dela, restam somente um excursus do poeta e uma exortação

⁹⁷ Hardie 1986: 353.

⁹⁸ “*marcham em longa fila as gentes vencidas, variadas nas línguas e aparências tanto quanto nas vestes e armas*”. A expressão *longo ordine* evidentemente retoma *in ordine* (6.629) e remete à ordem que Augusto impôs no mundo e reforça a leitura teleológica, segundo a qual o começo e todas as suas partes estão diretamente ligados ao fim.

⁹⁹ Hardie 1986: 362.

final a D. Sebastião) e que culmina a longa preparação que se inicia em 9.19, com a Ilha dos Amores.¹⁰⁰ O local mesmo onde Tétis concede ao Gama a “Sapiência Suprema” (10.76.1-2) é um “erguido cume” (10.77.1). Precedida pela profecia de uma Ninfa (10.6-74) sobre a “clara história” (10.7.8), Tétis mostra ao Gama a Máquina do Mundo, que primeiro é descrita em suas características fisicamente impossíveis. Trata-se de um “globo” flutuante (10.77.5), cuja “matéria não se enxerga” (10.78-1), mas mesmo assim se pode ver que “está composto de vários orbes”. Enfim, é “Uniforme, perfeito, em si sostido,/ Qual enfim o arquetipo que o criou” (10.79.1-2), quer dizer, uma demonstração arquetípica do universo de Deus (o “arquétipo”),¹⁰¹ que se concedeu ao Gama, e a ninguém mais, ver. Não nos esqueçamos da importância da visão n’*Os Lusíadas*. Para isso, porém, não será útil a visão sensorial. Hansen¹⁰² nota que o “mato árduo, duro, difícil a humano trato” (10.76.7-8) que o Gama precisa atravessar para chegar ao “divino chão” (10.77.4) onde vê a Máquina corresponde à sensibilidade humana que se pretere para avançar-se ao plano puramente intelectual, inacessível pela “vã ciência/ Dos errados e míseros mortais” (10.76.3-4). Não é como mero homem que o Gama terá acesso ao saber divino, mas como homem que, por esse ato mesmo, é gratificado por Deus, para concretizar-se o pesadelo de Baco.¹⁰³ Cirurgião, de fato, sustenta que haja n’*Os Lusíadas* uma apoteose do Gama, coroada na estância 76, em que o capitão se apossa da “gnose do Logos”, tendo já obtido a “gnose do Eros” pela união sexual com Tétis.¹⁰⁴ Esta deusa começa a sua fala explicando quais sejam aqueles “orbes”, a partir do que sabemos que Camões apresenta aí uma concepção ptolomaica cristianizada do cosmos; o primeiro deles é o “Empíreo” (10.81.5), cristãmente identificado com o Céu. Os “orbes”, portanto, são os círculos que compõem o universo (10.81-90.6), que tem a Terra como ponto central. Ela então refere brevemente os elementos da Terra (10.90.7-8) e passa para a geopolítica de diversas partes do planeta,

¹⁰⁰ Aguiar e Silva 2011: 442 compreende da mesma maneira a contiguidade entre os cantos 9 e 10; para o autor, a Ilha dos Amores propriamente dita termina no Canto 9, mas o “macroepisódio” vai até 10.143.

¹⁰¹ Sobre a noção de arquétipo aqui, cf. Luciano Pereira da Silva 1972: 65-69.

¹⁰² Hansen 2005: 184-185.

¹⁰³ “Que do Mar e do Céu, em poucos anos,/ Venham Deuses a ser, e nós, humanos” (6.29.7-8).

¹⁰⁴ Cirurgião 1999: 21. O crítico 1999: 21-25 vai ainda mais longe ao afirmar que o Gama é equiparado com o próprio Cristo, interpretação que, contudo, cremos arriscada.

nas quais os portugueses, anuncia, estarão presentes. O que nos resta dizer parte daquilo que já disse Sena:

o Gama, que iniciara a narrativa da História por uma descrição geográfica, recebe agora, de Téthys, a história heroica futura como descendente da própria Máquina do Mundo, cuja tessitura harmónica lhe é revelada. Este passo é, assim, o coroamento do poema e da mitificação: a História de Portugal identifica-se com a própria estrutura do mundo, como a Viagem do Gama viera sendo a própria estrutura do poema em que essas magias se realizam.¹⁰⁵

Vasco da Gama, nos termos de Sena,¹⁰⁶ é o “portador da História”, aquele que leva a sua história para além da idiossincrasia portuguesa e a espalha pelo Oriente. É esta a razão também pela qual não pode ser Vasco a apresentar ao Catual as bandeiras da nau capitânia: na segunda parte do poema, o Gama leva a história para ser transfigurada pelo mito e com isso elevada a um patamar universal: Vasco então “já é o de quem se narra [...], pois que a uma deidade será confiada a revelação dos mistérios, revelação que o torna um *novo* herói, um herói *que agiu e que conheceu*, tal como devia ser humanisticamente”.¹⁰⁷ Só poderia ser mesmo ao Gama, e a nenhum outro, concedido conhecer a estrutura do cosmos.

O clímax d'Os *Lusiadas*, portanto, consiste em que a Máquina do Mundo não só é antecedida pela profecia de heróis portugueses, mas nela mesma, no próprio Mundo, estão contidos os feitos portugueses, e é aos portugueses, na pessoa do Gama, que Deus permite a pura intelecção do Bem supremo. Se o Escudo de Eneias é uma representação do cosmos, que explica a história romana e por ela é explicado, a Máquina do Mundo é o próprio cosmos e é o próprio Deus que o criou,¹⁰⁸ de modo que os portugueses, tendo obtido acesso à própria chave do ser, veem a sua história, quer dizer, a sua existência ao longo do tempo e do espaço, ser identificada com o próprio tempo e o espaço. Afirme-se por conseguinte que Camões

¹⁰⁵ Sena 1970: 68, itálico do autor.

¹⁰⁶ Sena 1970: 65.

¹⁰⁷ Sena 1970: 65.

¹⁰⁸ O cosmos em escala menor, mas ainda é o cosmos e Deus, porque é um arquétipo perfeito e imaterial; sendo perfeito, só pode ser a Máquina ela mesma o cosmos e Deus. Preferiríamos abrandar, por conseguinte, a afirmação de Alves 2011: 555: “as oitavas do discurso de Tétis [...] não descrevem o mundo, mas descrevem um objeto que representa o mundo.”

emula Virgílio na sua representação histórica: n’*Os Lusíadas*, a ligação entre império e cosmos é posta em discurso como sendo mais forte, ampla e precisa do que na *Eneida*. Outros elementos ainda poderiam ser vistos como evidências da relação direta entre a Máquina e o Escudo: ambos possuem a mesma forma geométrica na segunda dimensão (propondo uma esfera, Camões exerce também nisto a retórica do aumento) e são *imago mundi* (a Máquina, porém, é o próprio *mundus*).

Vimos os argumentos históricos dos poetas, que ocupam centralidade em cada obra e, por fim, como Camões aloca a história portuguesa em um patamar mais elevado, equacionando portugueses e Deus, do que aquela de Virgílio, identificada com o cosmos na *Eneida*. Como em praticamente toda parte d’*Os Lusíadas*, Camões emula Virgílio por meio de uma retórica do aumento, procuramos mostrá-lo. Não diremos, portanto, que a poesia épica de Camões, *artifício* que só pode ser, seja a “superação artística da história”, conforme diz Hansen,¹⁰⁹ história que necessariamente é caótica e desorganizada. Esta nos parece uma visão relativamente pessimista, pois dizê-lo é admitir que Camões propõe o seu poema no lugar da história. Pensamos, ao contrário, que o poeta, por meio do artifício, ainda que reconheça e lamente a realidade injusta e brutal da história, sugere-a superior, senão como é, tal como deveria ser. É o “primado da vida sobre a literatura”.¹¹⁰ Seguindo o modelo virgiliano, o “pregão do ninho meu paterno” (1.10.4) de Camões só poderia ser a elevação da história e a sua transformação em modelo, não a sua superação.

Referências

Fontes

Virgílio (2022), *Eneida*. Tradução: Carlos Ascenso André. Lisboa: Quetzal.

Estudos

Alves, H. J. S. (2011), “Máquina do Mundo n’*Os Lusíadas*”, in V. M. de A. e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*. São Paulo: Leya, 555-559.

André, C. A. (1984), “Morte e vida na *Eneida*”, *Humanitas*, 35/36: 105-148.

¹⁰⁹ Hansen 2005: 176.

¹¹⁰ Langrouva 2011: 965.

- Basson, W. P. (1975), "Roman history, and the Roman's destiny: Notes on Aen. VI 836-853", *Akroterion*, 20.4: 83-92.
- Belline, A. H. C. (1980), "Aspectos do Tempo em *Os Lusíadas*", *Revista Camoniana*, 3.2: 23-45.
- Berardinelli, C. (2000), *Estudos Camonianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bernardes, J. A. C. (2000), "As estâncias finais d'Os *Lusiadas* ou o 'nunca ouvido canto' de Camões", *Máthesis*, 9: 69-84.
- Bowra, C. M. (1945), *From Virgil to Milton*. London: MacMillan.
- Camps, W. A. (1969), *An introduction to Virgil's Aeneid*. Londres: Oxford University Press.
- Carvalho, J. B. de. (1980), *O renascimento português (em busca da sua especificidade)*. Lisboa: IN-CM.
- Cidade, H. (2001, 3.^a ed.), *Luís de Camões: o épico*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cirurgião, A. (1999), *Leituras alegóricas de Camões*. Lisboa: IN-CM.
- Conington, J. (1863), *Vergili Maronis Opera* [comentários]. Londres: Oxford University Press. Vol. 2.
- Conte, G. B. (1994), "The Age of Augustus", in G. B. Conte, *Latin Literature: A History*. Baltimore-London: Johns Hopkins University Press, 249-397.
- Dias, E. (1972, 3.^a ed.), *Os Lusíadas* [comentários]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura.
- Eden, P. T. (1975), *A Commentary on Virgil: Aeneid VIII*. Leiden: Brill.
- Feeney, D. (1993), "The *Aeneid* As a Poem of History", *Excerpta*, 70.3: 94-96.
- Figueiredo, F. de. (1941), *Literatura Portuguesa: desenvolvimento histórico das origens à actualidade*. Rio de Janeiro: A Noite.
- Galinsky, K. (1996), *Augustan Culture: an interpretive introduction*. New Jersey: Princeton University Press.
- Gil, F. (1998), "O efeito-*Lusiadas*", in H. de Macedo e F. Gil (coords.), *Viagens do Olhar: Retrospecção, Visão e Profecia no Renascimento Português*. Porto: Campo das Letras, 13-75.
- Gonçalves, F. R. (2002), "A história de Tito Lívio e a epopeia camoniana" in Gonçalves, F. R. *Obra completa (III)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 119-134.
- Glover, T. R. (1969, 7.^a ed.), *Virgil*. New York; London: Barnes & Noble; Methuen & Co.
- Hansen, J. A. (2005), "A máquina do mundo", in A. Novaes (coord.), *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 157-197.
- Hansen, J. A. (2008), "Notas sobre o gênero épico", in I. Teixeira (coord.), *Multiclássicos Épicos*. São Paulo: Edusp, 17-91.

- Hardie, P. (2014), “Empire and Nation”, in P. Hardie, *The Last Trojan Hero*. London-New York: I. B. Tauris, 93-126.
- Hardie, P. (2005), “Narrative Epic”, in S. Harrison (coord.), *A Companion to Latin Literature*. Oxford: Blackwell Publishing, 83-100.
- Hardie, P. (1986), *Virgil’s Aeneid: cosmos and imperium*. Oxford: Oxford University Press.
- Heinze, R. (1965), *Virgils Epische Technik*. Stuttgart: Teubner.
- Horsfall, N. (1995), *A Companion to the Study of Virgil*. Leiden-New York-Köln: Brill.
- IAVOL (Índice Analítico do Vocabulário de *Os Lusíadas*) (1966), *Volume C: J-Z*. Organização de A. G. Cunha. Guanabara: Instituto Nacional do Livro.
- Koster, S. (1970), *Antike Epos theorien*. Wiesbaden: Frank Steiner.
- Laitenberger, H. (2012), “Tema e herói d’*Os Lusíadas*: duas tradições críticas (portuguesa e alemã)”, in *Atas da 6.ª Reunião Internacional de Camonistas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 379-403.
- Langrouva, H. (2011), “A viagem n’*Os Lusíadas*, nas *Rimas* e nas *Cartas* de Camões”, in V. M. de A. e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*. São Paulo: Leya, 961-971.
- La Penna, A. (2005), *L’impossibile giustificazione della storia: un’interpretazione di Virgilio*. Firenze: Editori Laterza.
- Macedo, J. B. de (1979), “*Os Lusíadas*” e a *História*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Matos, L. de (1991), *L’expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Norden, E. (1976, 6.ª ed.), *P. Vergilius Maro Aeneis Buch VI*. Stuttgart: Teubner.
- O’Hara, J. J. (1990), *Death and the Optimistic Prophecy in Virgil’s Aeneid*. Princeton: Princeton University Press.
- Oliva Neto, J. A. (2016, 2.ª ed.), “Breve anatomia de um clássico”, in Virgílio, *Eneida*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 9-65.
- Pereira, M. H. da R. (1984), *Estudos de história da cultura clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Piva, L. (1986), “A infra-estrutura de *Os Lusíadas*”, *Revista de Letras*, 11: 113-126.
- Políbio (2000), [Prefácio de *Histórias*], in F. Hartog (coord.), *A história de Homero a Santo Agostinho*. Tradução: Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG.
- Quint, D. (1989), “Epic and Empire”, *Comparative Literature*, 41.1: 1-32.
- Rodrigues, J. M. (1979, 2.ª ed.), *Fontes dos Lusíadas*. Lisboa: Atlântida Editora.
- Saraiva, A. J. (2017), “Luís de Camões”, in Saraiva, A. J., Lopes, Ó. (coords.), *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 311-349.

- Sena, J. de (1970), *A estrutura de “Os Lusiadas” e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI*. Lisboa: Portugália Editora.
- Silva, J. de O. e (2000), “Moving the Monarch: The Rhetoric of Persuasion in Camões's *Lusiadas*”, *Renaissance Quarterly*, 53: 735-768.
- Silva, L. P. da (1972), *A Astronomia de Os Lusiadas*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Silva, V. M. de A. e (2011), “Ilha dos Amores”, in V. M. de A. e. Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*. São Paulo: Leya, 437-444.
- Sousa, M. de F. e (1639), *Os Lusiadas* [comentários]. Madrid. Vol. 1 e 2.
- Storck, W. (1980), *Vida e obras de Luís de Camões: primeira parte*. Tradução: Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Lisboa: IN-CM.
- Thamos, M. (2011), *As armas e o varão: leitura e tradução do Canto I da Eneida*. São Paulo: Edusp.
- Vasconcellos, P. S. (2001), *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas-FAPESP.
- Vickers, B. (1983), “Epideictic and Epic in the Renaissance”, *New Literary History*, 14.3: 497-537.

